



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

ALINE LUZIA BARBOSA PEREIRA VITORIANO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE UMA ESTUDANTE DO CURSO
DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ALTAMIRA-PA
2024**

ALINE LUZIA BARBOSA PEREIRA VITORIANO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE UMA ESTUDANTE DO CURSO
DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira, ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Linguagens e Códigos, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola Aparecida Ferreira Damacena

ALTAMIRA-PA
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)**

BARBOSA PEREIRA VITORIANO, ALINE LUZIA. MEMORIAL
DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE UMA
ESTUDANTE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO / ALINE LUZIA
BARBOSA PEREIRA VITORIANO. — 2024.
35 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Fabiola Aparecida Ferreira
Damacena

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal
do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Etnodiversidade, Altamira, 2024.

1. Educação do campo. Formação de professores. Pesquisa
narrativa. Experiência. . I. Título.

CDD 370

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE UMA ESTUDANTE DO CURSO
DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Aline Luzia Barbosa Pereira Vitoriano

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dra. Fabíola Aparecida Ferreira Damacena (Orientador)

Prof. Dra. Ana Paula dos Santos Sousa (Membro Examinador)

Prof. Dr. Ronaldo Henrique Santana (Membro Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço as minhas filhas, Elis e Clarisse, a minha enteada, Maria Luiza, ao meu esposo, Vitoriano, ao Movimento dos Atingidos por Barragens e aos Movimentos Sociais, aos defensores da educação pública e dos direitos humanos, aos meus professores, a minha orientadora Fabíola Damacena, a Faculdade de Etnodiversidade e a Universidade Federal do Pará.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE UMA ESTUDANTE DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

RESUMO

Este trabalho apresenta o percurso da autora, discente do Curso de Educação do Campo, a partir do seu memorial de formação, que, mobilizada pelos movimentos sociais em defesa dos direitos humanos, reflete sobre suas experiências vividas ao longo de sua vida e formação, bem como as contribuições do Curso de Educação do Campo na formação de professora e liderança social. Com a perspectiva da pesquisa narrativa, tomou como objetivo evidenciar os entrelaçamentos entre as diferentes fases de sua vida e formação a partir da rememoração. Os diálogos com Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Jorge Larrosa Michael Connelly, Jean Clandinin, Guilherme Prado, Inês Bragança, contribuiu para tecer conhecimentos que trazem a temática das experiências ao longo das fases da vida e formação, tanto pelas memórias quanto pela linguagem. No que tange à abordagem metodológica, em diálogo com pesquisa narrativa no campo educacional, a pesquisa traz questões da formação de professora e liderança social, organizadas em eixos temáticos. O caminho percorrido na pesquisa e formação possibilitou algumas lições, dentre elas, descobrir-se como professora-narradora, a ampliação e potência da escrita autoral, defensora dos direitos humanos, formação de liderança em suas dimensões políticas e sociais.

Palavras-chave: Educação do campo. Formação de professores. Pesquisa narrativa. Experiencia.

TRAINING MEMORIAL: NARRATIVES OF A FIELD EDUCATION STUDENT

ABSTRACT

This work presents the journey of the author, a student of the Countryside Education Course, based on her training memorial, which, mobilized by social movements in defense of human rights, reflects on her experiences throughout her life and training, as well such as the contributions of the Rural Education Course in teacher training and social leadership. With the perspective of narrative research, the objective was to highlight the intertwining between the different phases of his life and training based on remembrance. The dialogues with Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Jorge Larrosa Michael Connelly, Jean Clandinin, Guilherme Prado, Inês Bragança, contributed to weaving knowledge that brings the theme of experiences throughout the phases of life and training, both through memories and through language. Regarding the methodological approach, in dialogue with narrative research in the educational field, the research raises issues of teacher training and social leadership, organized into thematic axes. The path taken in research and training enabled some lessons, among them, discovering herself as a teacher-narrator, the expansion and power of authorial writing, defender of human rights, leadership training in its political and social dimensions.

Keywords: Rural education. Teacher training. Narrative research. Experience.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. NARRATIVAS DA FORMAÇÃO	11
2.1 Quem sou	11
2.2 De onde sou	13
2.3 Educação infantil e Ensino Fundamental.....	15
2.4 Ensino médio e graduação	16
2.5 A experiência de pesquisa de Tempo Comunidade	18
2. A ESCOLHA DO CAMINHO DE INVESTIGAÇÃO	23
3. DAS LIÇÕES APREENDIDAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	30
REFERÊNCIAS	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Participação em movimentos de luta por direito das mulheres.....	13
Figura 2: Infância no Km 25 - Município de Vitória do Xingu.....	15
Figura 3: EMEF Avelina Maria da Silva- Ramal dos Cocos II, KM 40, Vitoria do Xingu-Pará..	19

1. INTRODUÇÃO

Esse memorial visa apresentar o processo de formação da autora Aline Luzia Barbosa Pereira Vitoriano, estudante do curso de Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Códigos, da Faculdade de Etnodiversidade da universidade Federal do Pará, Campus Altamira.

O memorial pode ser compreendido como um gênero de texto literário narrativo em forma de biografia que consiste na percepção social do indivíduo sobre si mesmo. Como anuncia Bernardes (2021), a produção do memorial possibilita ao indivíduo retomar memórias, reviver lembranças de pessoas, fatos e acontecimentos marcantes que fazem parte da construção da identidade profissional e pessoal do sujeito.

A justificativa desta pesquisa reside na importância de dar voz às experiências individuais e reflexões pessoais como meio de enriquecer o entendimento sobre a Educação do Campo. Ao narrar minha própria jornada como graduanda do curso de Educação do Campo, pretendo não apenas compartilhar minhas vivências, mas também contribuir para uma compreensão mais profunda da relevância desse campo de estudo. Além disso, este trabalho busca destacar a potencialidade da Educação do Campo na formação de identidades, no fortalecimento das comunidades tradicionais e na promoção de mudanças sociais. Ao trazer à tona as vozes e perspectivas dos estudantes, pretende-se ampliar o diálogo acadêmico e prático sobre o tema, incentivando a valorização e o aprimoramento contínuo dos Cursos de Graduação em Educação do Campo.

Entre os tempos comunidades que desenvolvemos e vivenciamos e as disciplinas que cursamos somos convidados a narrar e refletir nossas experiências, a situar os locais onde moramos e existimos, alinhando a tessitura de quem somos e porque o somos, em movimentos que, possibilitando manter e recriar a vida, relacionam horizontes diversos que são narrados, permanentemente, articulados com as diferentes experiências que temos com tantos diversos outros seres humanos, nas trajetórias realizadas em comum, de solidariedades e de antagonismos.

As narrativas de si ultrapassam a expressão de uma individualidade, de um eu imaculado, de uma delimitação identitária. São histórias criadas ou tecidas artesanalmente no uso de inúmeros fios, linhas, restos, detritos de coisas e de afetos contrastantes; a recusar a

sufocante narração que se limita aos rastros do eu, da arrogância do sujeito apartado dos apelos e forças do mundo (BERNARDES, 2021).

O objetivo geral é narrar minha trajetória acadêmica, a partir das experiências vividas e destacar as implicações do curso de educação do campo em meu processo de formação pessoal, política e profissional em ambientes escolares e não escolares, a exemplo dos movimentos sociais organizados em territórios urbanos na cidade de Altamira e região. Os objetivos específicos consistem em registrar as experiências de formação vivenciadas ao longo da vida e especialmente no curso de Educação do Campo. Refletir sobre as contribuições da Educação do Campo na formação individual e coletiva.

A investigação narrativa permite a rememoração das experiências vividas e reflexões pessoais por meio de narrativas pessoais e histórias de vida. A obtenção de dados foi realizada por meio de pesquisa documental dos trabalhos acadêmicos, relatórios dos estágios supervisionados entre outras fontes como cadernos de campo e bloco de anotações, além da Pesquisa Bibliográfica que contribuiu para o embasamento teórico desse trabalho.

A Educação do Campo não apenas proporciona uma formação acadêmica sólida, mas também desempenha um importante papel na construção de sujeitos críticos, engajados e comprometidos com a transformação social e cultural de suas comunidades.

Na primeira sessão apresentamos a história de vida da autora e sua origem e o memorial de formação com destaque para as experiências vividas ao longo da formação na educação básica e superior, com enfoque especial para as contribuições do curso de Educação do Campo em sua formação política e profissional organizado em narrativas temáticas.

Na segunda será apresentada a escolha do caminho de investigação, trazendo para reflexão e justificativa um dos relatórios de tempo comunidade desenvolvido pela autora.

Nas considerações finais apresentamos algumas lições apreendidas durante a jornada dos estudos e pesquisas ao longo da minha formação acadêmica.

2. NARRATIVAS DA FORMAÇÃO

2.1 Quem sou

Me chamo Aline Luzia Barbosa Pereira Vitoriano, um nome que carrega consigo uma história peculiar e cheia de significados. O "Luzia" que compõe parte de meu nome é uma homenagem ao meu pai, um homem devoto de Santa Luzia. Por uma curiosa coincidência da vida, todas as minhas irmãs também têm o nome Luzia em suas denominações. Esse gesto de amor e devoção de meu pai, motivado por uma experiência pessoal marcante, revela a profundidade dos laços familiares que moldam nossa identidade.

Além de carregar esse nome peculiar, trago em mim múltiplas facetas e engajamentos que moldam minha jornada. Sou mulher, feminista, defensora dos direitos humanos, sociais e ambientais, esposa, mãe, madrasta, poeta, artesã, comunicadora popular, educadora popular e engajada nos movimentos sociais. Iniciei minha trajetória militante no Levante Popular da Juventude, onde vivenciei anos de intensa atividade e aprendizado. Posteriormente, encontrei meu lugar no Movimento dos Atingidos por Barragens, onde lutei pelos direitos das comunidades afetadas pela construção de grandes represas, como é o caso aqui no Xingu, impactado pela hidrelétrica de Belo Monte.

Os direitos humanos se constituem como ação em constante processo de construção e disputa, com origem na denúncia de violações do direito à vida e do acesso aos bens necessários à sobrevivência das populações subalternas, luta pela liberdade, pela igualdade e pela fraternidade, para garantir a dignidade do ser humano. Os movimentos sociais são aliados dessa luta, em busca da efetivação dessas garantias, que devem alcançar os brasileiros de todas as classes, origens, ideologias, credos, idades. Em conformidade com o autor Herrera Flores (2008, p.18) os direitos humanos afirmam “a luta do ser humano para ver cumpridos seus desejos e necessidades nos contextos vitais em que está situado”.

No Movimento Estudantil, minha trajetória como militante se iniciou no ensino médio, onde pude compor o grupo de estudantes responsável pela Rádio Comunitária do Instituto Maria de Mathias, onde cursei meus primeiros anos do Ensino Médio. Já na Graduação, fui integrante do Centro Acadêmico da Faculdade de Etnodiversidade, na Universidade Federal do Pará, ocupando o cargo de Presidente no ano de 2018, e fui membro do Conselho da Faculdade. Na gestão seguinte, contribuí com essa organização, ocupando a cadeira de Coordenadora de Cultura, e segui como representação estudantil por mais um ano no Conselho da Faculdade de

Etnodiversidade. Concorri ainda, como candidata a Coordenadora Geral do Diretório Acadêmico da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira, no ano de 2020, tendo perdido as eleições. No ano de 2022, disputei novamente as eleições, na ocasião ocupando o cargo de Coordenadora de Cultura do Diretório Acadêmico Marielle Franco, tendo vencido e desenvolvido inúmeras ações em prol da educação pública e dos direitos dos estudantes.

Além disso, participei ativamente da Consulta Popular e, atualmente, milito dentro do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), sendo responsável pela construção da Setorial de Mulheres e pela comunicação do partido no município de Altamira, sou membro da Direção Estadual do Partido, além de assessorar o mandato da Deputada Estadual Livia Duarte do PSOL-Pará na Transamazônica e Xingu. Também atuo como coordenadora da Juventude Manifesta, um movimento que busca dar voz e espaço para a juventude, tanto na universidade quanto nas periferias. Como parte de meu compromisso com a arte e a cultura, integro o Coletivo de Poetas Marginais, onde realizamos saraus para celebrar a diversidade e a expressão poética.

Paralelamente a todas essas atividades, sou estudante do Curso de Educação do Campo na Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará, no Campus de Altamira. Essa jornada acadêmica representa não apenas uma busca pelo conhecimento, mas também uma oportunidade de conectar teoria e prática em prol de um mundo mais justo e igualitário.

Assim, em cada traço de meu nome e em cada engajamento que abraço, carrego a história de uma luta e de uma identidade que molda minha trajetória e minha visão de mundo. Como podemos observar na imagem que segue (Figura 1), onde estou participando de um evento do movimento popular:

Figura 1: Participação em movimentos de luta por direito das mulheres.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

2.2 De onde sou

Minha história tem profundas raízes no campo, traçadas pelas experiências de minha família ao longo das gerações. Tanto do lado materno quanto paterno, as origens de minha linhagem remontam às terras camponesas, onde a agricultura familiar era o sustento e a essência de nosso cotidiano.

Minha infância foi permeada por idas e vindas entre a cidade e a roça. Meu avô Atanásio Pereira, possuía um laranjal, e era meu pai Leopoldo Pereira, quem se dedicava ao cuidado dessa plantação. Assim, desde os primeiros anos de vida, fui imersa nesse ciclo de trabalho e aprendizado, entre os pomares e os campos cultivados.

Até os cinco anos de idade, minha morada principal era o campo. Porém, as exigências da educação formal me levaram à cidade, onde a escola estava ao alcance. Assim, mesmo residindo na cidade, mantive uma conexão estreita com as origens camponesas, através das constantes visitas à propriedade de meu avô, situada no Km vinte e cinco de Vitória do Xingu.

Na minha adolescência, meu pai, além cuidar do laranjal, também criava porco, carneiro e possuía algumas cabeças de gado no pasto do meu avô. Meus avos e meus tios, criavam ainda

galinha e peixe. A roça até hoje possui pés de frutas, como manga, jacá, ameixa, jambo, coco, acerola, jaboticaba, pitanga, entre outras.

Meus avós por parte de mãe residiam no Bom Jardim II, às margens do Rio Xingu. Lá, cultivavam uma diversidade de alimentos, incluindo café, feijão, milho, arroz e mandioca. Além disso, dedicavam-se à produção de farinha e criavam gado e galinhas. O local também abrigava um pomar repleto de frutas. Muitas vezes, eu acompanhava meus avós durante a colheita, o plantio e a venda dos produtos no mercado municipal de Altamira. Essas experiências proporcionaram-me preciosos momentos de aprendizado e conexão com a terra e com a agricultura familiar.

Essas idas e vindas, entre a agitação da cidade e a serenidade do campo, moldaram minha visão de mundo e minha identidade. A dualidade entre o ambiente rural e urbano proporcionou-me uma educação rica em contrastes, onde aprendi a valorizar tanto a simplicidade e a conexão com a natureza, quanto as oportunidades e os desafios da vida cidadina.

Hoje, mesmo distante geograficamente das terras de minha infância, carrego comigo as lições e os valores que aprendi nesse convívio harmonioso entre o campo e a cidade. Minhas raízes camponesas continuam a inspirar-me e a influenciar minhas escolhas, alimentando um profundo respeito pela terra e pelas tradições que moldaram minha trajetória de vida. Na Figura 2, a seguir, retrato um pouco da minha infância na realidade do campo:

Figura 2: Infância no Km 25 - Município de Vitória do Xingu.



Fonte: Acervo da autora, 1999.

Na jornada da vida adulta, encontrei meu caminho de volta às origens, retornando à zona rural que moldou minhas primeiras experiências e memórias. Fiz de uma pequena chácara no Ramal dos Cocos II o meu lar, imerso na tranquilidade e na exuberância da natureza que sempre me foram familiares. Foi nesse cenário que conduzi minhas pesquisas de campo durante minha graduação, mergulhando ainda mais profundamente nas nuances e nas riquezas do ambiente campestre que tanto me marcaram desde a infância.

Na nossa chácara, chamada Lar de Maravilhas, eu e minha família cultivamos uma variedade de alimentos, incluindo macaxeira, milho e diversas verduras. Além disso, temos um pomar repleto de frutas, como manga, acerola, ingá, laranja, limão, coco, goiaba, entre outras. Durante quase todo o meu período de graduação, tive moradia fixa nessa chácara, onde pude desfrutar da tranquilidade do campo enquanto estudava. No entanto, precisei retornar à cidade devido ao trabalho, mas mantivemos a chácara, que hoje contribui para o sustento não só da minha família, mas também dos meus familiares.

Hoje, mesmo enquanto estou distante fisicamente desse local, permanecemos ligados a ele através de nossa chácara, que continua a ser um ponto de referência e um refúgio em meio à agitação da vida urbana. As idas e vindas entre o campo e a cidade assumem agora um novo significado, pois são nas terras que possuímos que encontro um equilíbrio entre o trabalho da terra e as demandas do cotidiano urbano.

Essa conexão com a zona rural não apenas alimenta minha alma e meu espírito, mas também influencia profundamente minha visão de mundo e minhas escolhas na vida adulta. É nas terras que chamamos de nossas que encontro a paz, a inspiração e a sensação de pertencimento que me lembram constantemente das raízes que me sustentam.

2.3 Educação infantil e Ensino Fundamental

Quando eu busco em minha mente, não importa se as memórias mais antigas ou as mais recentes onde rememoro minha trajetória acadêmica, minhas histórias, sejam elas do jardim de infância na Escola Infantil Alegria do Saber, sejam as inocentes memórias do Ensino Fundamental na Escola Octacílio Lino, ou dos meus infintos colégios onde durante cinco anos, cursei o Ensino Médio, até os anos recentes da graduação em Educação do Campo na Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira, em sua maioria essas lembranças estão

intrinsecamente ligadas a luta de classe, a luta em defesa dos direitos humanos, o sonho de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Era eu uma menina de origem camponesa que acabará de chegar na Zona Urbana do Município de Altamira Pará, vinda da Zona Rural de Vitória do Xingu, algumas horas depois do meu Recanto Feliz. Passei a primeira infância ali, em meio a flores, vacas e uma imagem de Santa Luzia, no pequeno altar onde meu pai rezava infintas orações, por seus milagres. Recém-chegada na cidade, aos cinco anos eu ia para o jardim de infância cheia de orgulho usando uma sacola de supermercado com uma alça em cada ombro, simulando uma mochila. Eu descia para a escola com aquele caderno balançando, mudava de sacola todo dia, até ganhar minha primeira mochila, pequena e vermelha, presente de meu pai, que durante toda a minha infância me foi exemplo de bondade e justiça. Ser uma criança pobre tem lá suas vantagens, a de guardar no peito o sentimento de que esperança é algo que no céu da Amazônia, nunca deixará de florir, como diz a canção (Vitoriano Bill e George Paez, 2022). E foi com esse sentimento de esperança que cresci e é esse sentimento que me nutre dia após dia, na luta pela construção de uma sociedade igualitária.

2.4 Ensino médio e graduação

Meu ensino médio foi uma fase marcada por desafios na vida pessoal. Foram cinco anos dedicados a essa etapa, sendo dois deles no Instituto Maria de Mattias, uma escola católica administrada por freiras. Nesse ambiente, absorvi lições valiosas sobre partilha e solidariedade. Na época, não compreendia plenamente, mas ao longo dos anos, ao refletir sobre essa experiência, percebo claramente a influência da metodologia voltada para a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, onde apresentar a pedagogia com características humanistas e que prezam a liberdade. As salas de aula eram dispostas em círculos, promovendo uma abordagem educacional libertadora, as atividades que eram desenvolvidas na instituição, presavam sempre por valores sociais e coletivos. Foi no primeiro e no segundo ano do ensino médio que estudei nessa instituição. Além disso, recebi formação dentro da Igreja Católica, iniciando meu caminho na catequese aos sete anos de idade, culminando na primeira comunhão, crisma e participação no grupo de jovens da Igreja São Lazaro, localizada no Bairro Jardim Independente II, no Município de Altamira. Tendo minha trajetória no ensino médio sido turbulenta; não posso afirmar que obtive grandes aprendizados, relacionados a luta social, no entanto, minha experiência na graduação em Educação do Campo foi completamente diferente.

A educação do campo é uma proposta abrangente que visa à formação do homem do campo e também a valorização no que diz respeito ao espaço, tempo e modelo de currículo, que mobilize as atividades campesinas abrangentes a toda a família, bem como as estratégias para o desenvolvimento sustentável. O princípio da educação do campo preza pela inclusão e pelo reconhecimento dos indivíduos do campo como participantes ativos no processo educativo e na construção de sua própria identidade. Portanto, sua abordagem pedagógica e metodológica deve ser adaptada às especificidades culturais do ambiente rural, valorizando sua diversidade como fonte de conhecimento em múltiplas áreas.

Segundo Fernandes & Molina, (2004), o campo é um local de particularidades e diversidade cultural. É um espaço de possibilidades políticas, formação crítica, resistência, mística, identidades, histórias e produção das condições de existência social. Assim, a Educação do Campo se configura enquanto um processo em construção, voltando-se, portanto, para fortalecimento da identidade camponesa, bem como para a afirmação do campo enquanto espaço de trabalho e de vida.

Enfrentei a maternidade durante a graduação, o que não foi fácil; em muitos momentos, cogitei desistir. Nesse período, já havia ingressado na militância dos movimentos sociais, o que me proporcionou força para seguir adiante na graduação, mesmo diante dos desafios de ser mãe de duas crianças incríveis. Durante minhas aulas na universidade, levava minhas filhas para o centro acadêmico, onde elas brincavam com outras crianças, enquanto nós, estudantes, criávamos um ambiente acolhedor para elas, com brinquedos e materiais para colorir. Essa experiência mostrou-me o valor de conciliar maternidade e educação, com o apoio de professores compreensivos que aceitavam a presença das crianças em sala de aula.

O curso de Educação do Campo desempenhou um papel importante nessa jornada compartilhada entre maternidade e formação acadêmica. Tive a oportunidade de vivenciar experiências enriquecedoras dentro e fora da sala de aula, aprendendo com a minha comunidade, realizando o Tempo Comunidade e ampliando meus horizontes. Compreendi que a universidade vai além das quatro paredes da sala de aula; é o espaço onde a vida acontece, onde se conecta com a realidade do campo, das comunidades e das lutas sociais.

A militância no movimento estudantil foi uma experiência transformadora, que me ensinou sobre organização, trabalho em equipe e luta pelos direitos sociais e estudantis. Acredito que todo estudante deveria ter a oportunidade de participar do movimento estudantil, pois isso vai além do aprendizado acadêmico, é uma escola de cidadania e engajamento social.

Minha formação em Educação do Campo foi fundamental para compreender a realidade da educação para jovens e adultos de áreas rurais com pertencimento indígena, quilombola, camponês, assentados da reforma agrária, ribeirinhos, extrativistas, entre outros, além das habilidades didáticas e competência cognitiva para o trabalho docente interdisciplinar na área de Linguagens e Códigos com sólida formação acadêmica no campo da Língua Portuguesa, Literatura e Artes, foi possível a capacidade de articular de maneira multidisciplinar esses saberes com os saberes dos educandos e com outros que sejam objeto de pesquisa, desenvolvendo um conhecimento crítico em interface com a realidade sócio-histórica de atuação.

Assim não se limitou apenas ao aspecto acadêmico, foi uma jornada de crescimento pessoal e comprometimento com a construção de uma sociedade mais justa. Carrego comigo não apenas o conhecimento adquirido, mas também a esperança em um futuro melhor, onde cada pequena ação contribui para transformar o mundo ao nosso redor.

2.5 A experiência de pesquisa de Tempo Comunidade

Partilho aqui algumas vivências do Tempo Comunidade como instrumento de diálogo entre a universidade e as escolas do campo. O Tempo Comunidade é um componente curricular do curso de licenciatura em educação do campo, realizado a cada semestre do curso, da Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará.

O tempo comunidade é constituído por ações educativas realizadas nos espaços de trabalho, de militância e de convivência familiar e social dos educandos, ou seja, nas comunidades rurais, nos assentamentos e nos acampamentos, onde a vida concreta dos sujeitos do campo se materializa. A alternância entre Tempo universidade e Tempo Comunidade privilegia o reconhecimento de diferentes tempos, espaços e saberes formativos

Para Molina (2014, p.32), essa metodologia possibilita aos educadores uma formação teórica sólida, que proporciona o “domínio dos conteúdos da área de habilitação para a qual se titula o docente; articulada aos conhecimentos sobre as lógicas de funcionamento da escola; de suas funções sociais e das relações que ela estabelece com a comunidade do seu entorno”.

A narrativa a seguir é fruto das disciplinas de seminário de Tempo Comunidade e das pesquisas realizadas durante a formação em alternância pedagógica no curso de educação do campo no Campus Universitário de Altamira/Pa. Os dados foram elaborados junto a Escola Municipal de Ensino Fundamental Avelina Maria da Silva, localizada no Ramal dos Cocos II,

KM 40, área rural do município de Vitória do Xingu-Pará e sistematizados em relatórios de Tempo Comunidade. Conforme podemos observar na Figura 3, abaixo:

Figura 3: EMEF Avelina Maria da Silva- Ramal dos Cocos II, KM 40, Vitória do Xingu-Pará.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas, coletivamente com as auxiliares de serviço gerais e cozinheiras, por meio de uma roda de conversa sobre os temas propostos, e individualmente através de entrevistas com o corpo docente, técnicos e com a gestão da escola, por meio de um questionário previamente estabelecido no guia de estudos do segundo tempo comunidade. Os questionamentos das entrevistas foram divididos em quatro eixos fundamentais: 1) Infraestrutura da escola e recursos financeiros; 2) A relação da escola com a Secretaria de Educação, com os Movimentos Sociais e com as famílias da comunidade; 3) A situação profissional dos docentes; 4) O Currículo e o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

O objetivo principal era conhecer e caracterizar a organização do trabalho pedagógico, o currículo escolar, as condições profissionais dos docentes, a relação entre a Escola e a SEMED, a Escola e os Movimentos Sociais, a escola e a comunidade. Refletimos sobre os problemas, as demandas e as mudanças necessárias para aproximar as relações entre os sistemas de ensino, básico e superior, através das pesquisas que desenvolvemos nas escolas e comunidades do campo, viabilizadas pela modalidade de oferta e estrutura curricular da pedagogia da alternância, do curso de educação do campo na região da Transamazônica.

Durante as pesquisas de tempo comunidade, sistematizamos de maneira breve, a história da comunidade e da escola Avelina Maria da Silva, como surgiu, onde surgiu, quem foram os protagonistas que lutaram pela construção de uma escola no Ramal. Registramos a história da

instituição, seus métodos de ensino, currículo e projeto político pedagógico, tendo como norte os referenciais estudados na educação do campo com ênfase em linguagens e códigos.

A participação da comunidade na escola se dá a partir da inserção dos pais e responsáveis no conselho escolar, nas reuniões de pais e em eventos programados pela escola em momentos de confraternização de datas comemorativas como festa junina, apresentações folclóricas e vendas de comidas típicas.

Na Escola Avelina Maria da Silva não há a participação de sindicato e do movimento social. Não há inserção de movimentos sociais na comunidade como um todo, e o sindicato não se faz presente na escola, pois todos os trabalhadores são contratados e trabalhadores contratados, geralmente, não se filiam, pois, acreditam que se filiar e reivindicar seus direitos pode vir a prejudicar sua vida profissional. Por serem contratados a prefeitura poderá demiti-los a qualquer instante, isso prejudica a ação do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Educação Pública na região do Xingu. Todos os servidores são contratados pela prefeitura Municipal de Vitoria do Xingu, e, portanto, não são sindicalizados. Em sua maioria os profissionais são trabalhadores urbanos, haja vista que o Ramal dos Cocos II fica a apenas 8km da cidade de Altamira e os profissionais da educação que trabalham na escola Avelina, vem e vão da cidade para o campo todos os dias.

Ter a maioria dos trabalhadores de uma escola do campo vindo cotidianamente da cidade para ministrar aulas para alunos que têm uma realidade de vida diferente impacta no processo de aprendizagem e ensino, tanto para a comunidade quanto para os alunos. Para a comunidade, porque esses empregos poderiam gerar renda dentro do Ramal e aos alunos, pois possuem experiências de vida diferente das de seus professores, pela própria influência urbana, tradicional e tecnicistas para o campo, o que pode implicar êxodo rural.

No que se refere ao projeto político pedagógico, encontramos um documento antigo, elaborado em 2005 com a colaboração de um corpo docente diferente do que há no presente. No entanto, o documento, apresenta as diretrizes de base da educação, prevê o ensino da escola do campo voltado à realidade de seu contexto rural.

Os fundamentos pedagógicos do documento em questão são baseados na relação professores e alunos, na abordagem sócio interacionista e construtivista, onde o professor deixa de ser um entregador de informações, para ser um facilitador do processo de aprendizagem, tomando o papel de um desafiador, com a tarefa de criar conflitos cognitivos que desencadearam a formação, onde professor e aluno desenvolve uma relação horizontal, pois

ambos são sujeitos do ato de ensinar. A partir da leitura do projeto pedagógico interpretamos a função do professor como um mediador em sala de aula, dando a ver que o aluno é detentor e produtor de conhecimento no processo de aprendizagem.

Foi informado pela coordenação da escola que é de costume em dias de segunda-feira ser feito a acolhida dos alunos no espaço de recreio. A cerimônia de acolhida consiste na recepção dos alunos para uma nova semana letiva. Os estudantes são trazidos, organizados em fileiras por suas professoras e professores. A diretora da escola lhes dá bom dia e orienta os alunos que se organizem nas fileiras e posicionem a mão esquerda para trás, e cantam o hino do Pará e o hino de Vitoria do Xingu. Os professores são organizados no espaço, fazendo as vezes de inspetores, observando se os alunos estão posicionados conforme as orientações da diretora. Ao iniciar a cantoria a diretora caminha entre os alunos e corrige a postura de alguns.

A recepção dos alunos para iniciar a semana seria um gesto admirável que poderia proporcionar um momento de afeto e de acolhida como o nome do projeto diz, mas o que observamos com a narrativa do ocorrido é que os alunos se sentem acuados por estarem cercados de professores, serem obrigados a adotar uma postura indicada pela direção da escola que se coloca a todo tempo como superior aos alunos. O momento que era para ser de acolhida, acaba se tornando um momento de tensão e intimidação.

A relação da escola com a comunidade, em parte se faz presente, quando falamos das reuniões bimestrais entre pais, as reuniões do conselho escolar e as confraternizações, porém, se faz ausente quando falamos da relação com organizações sociais como sindicatos e movimentos sociais. A prefeitura de Vitoria do Xingu deve urgentemente fazer um concurso para a ativação de trabalhadores concursados, para garantir a estabilidade dos funcionários, a qualidade do trabalho e a filiação deles no Sindicato dos Trabalhadores da Educação, o que trará melhorias de vida e conquistas aos funcionários públicos e aos alunos dessa instituição por contarem com profissionais qualificados e que terão seus direitos reconhecidos e assegurados.

Assim, as pesquisas de tempo comunidade cumpre um papel importante de promoção do diálogo, conhecimento e interpretação da realidade nas escolas e comunidades do campo. A pedagogia da alternância possibilita aos estudantes do curso de educação do campo oportunidade de adentrar a atividade da pesquisa a partir da dinâmica da formação para alternância tomando como ponto de partida a realidade de cada comunidade de pertencimento dos estudantes. Essa dinâmica colabora para que o estudante possa levantar os dados de sua

realidade e entender o modo de funcionamento das escolas suas demandas, suas precariedades, seus desafios a partir das relações que a pesquisa vai revelando.

Segundo Molina e Sá (2012, p.12), ao organizar metodologicamente o currículo por alternância entre Tempo Escola e Tempo Comunidade, a proposta do curso objetiva integrar a atuação dos estudantes na “construção do conhecimento necessário à sua formação e à sua intervenção como educadores nos espaços formativos escolares e nos tempos de produção da vida nas comunidades rurais”.

Desde os primeiros tempos comunidade iniciamos um processo de diagnóstico acerca da educação do campo no território da Transamazônica e Xingu especialmente nas comunidades das quais somos oriundos, a partir de entrevistas, obtemos dados que dão a conhecer as características dos modos de vida e trabalho das populações e comunidades tradicionais onde essas escolas do campo estão situadas.

Esse diagnóstico inicial serve de base para as demais pesquisas de tempo comunidade ao longo de nossa formação no curso, o que trouxe aqui foi apenas uma parte do relatório do II Tempo Comunidade para demonstrar de que maneira adentramos nas pesquisas e conseguimos nos formar a partir do exercício da pesquisa e do levantamento de dados os quais reunimos durante cada etapa de formação ao longo do curso.

Durante as pesquisas de tempo comunidade aprendemos a problematizar os dados da realidade a fim de compreendermos as questões sociais emergentes, as situações problemas, o contexto de vivência das comunidades, dos sujeitos situados em seus territórios, aprendemos a olhar para as questões curriculares e a partir disso, planejar nossas intervenções durante os estágios supervisionados. Essa relação estabelece uma ponte entre a universidade e a escola básica, materializada pelas nossas pesquisas durante nossa formação.

Segundo os guias de orientação a intervenção nestas escolas e em nossas comunidades se dão gradativamente no decorrer das etapas de formação por meio dos estágios, práticas pedagógicas, oficinas, minicursos ministrados nas mesmas, de modo que possibilita por meio de extensão universitária ações capazes de atender demandas de nossas comunidades escolares, bem como irmos experimentando, em médio e longo prazo, junto aos docentes da educação básica, uma participação ativa no planejamento e elaboração de um novo currículo escolar entendido como a organização dos tempos, espaços e conteúdo do processo educacional engajado com as dinâmicas sociais, aos protagonismos dos sujeitos e seus contextos.

Em longo prazo, vislumbramos com os Tempos Comunidades a mobilização de debates e ações em torno da ativação do Fórum Regional da Educação do Campo e da implementação de programas e ações governamentais para o fortalecimento das escolas do campo, tendo em vista a construção colaborativa de um projeto político pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos nossos sonhos, à nossa história, à nossa cultura do povo trabalhador do campo, mulheres, homens, crianças e jovens, sujeitos encarnados em nosso e seus contextos, na luta por direito a educação.

2. A ESCOLHA DO CAMINHO DE INVESTIGAÇÃO

A integração entre diferentes tempos e espaços formativos (Tempo Universidade e Tempo Comunidade) traz uma nova perspectiva para as universidades, no sentido de articular efetivamente ensino, pesquisa e extensão e favorecer a relação entre teoria e prática. A atuação na comunidade como parte intrínseca da carga horária de formação propicia ao licenciando ir além da aprendizagem do ser professor, repensando as formas de organização da escola e da comunidade e mobilizando os diferentes agentes para um processo de transformação em benefício dos sujeitos do campo.

Essa sessão apresentará discussões e reflexões baseadas no Relatório do II Tempo comunidade realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Avelina Maria da Silva, localizada no Ramal dos Cocos II, KM 40, Zona Rural do Município de Vitória do Xingu no Estado do Pará, onde foram utilizadas como instrumentos para a coleta de dados, a observação direta e a entrevista semiestruturada, sendo usada o método de pesquisa qualitativa, com o propósito de obter informações singulares vindas dos entrevistados e descobrir coisas que nós como pesquisadores não conseguiríamos observar por nós mesmos.

Durante a pesquisa e elaboração dos relatórios de Tempo comunidade, era recorrente a constatação de que os relatórios produzidos pelos discentes possuíam um caráter descritivo significativo, portanto os professores orientadores de nossas pesquisas aos corrigir os textos, sempre ressaltavam a importância de reflexões dos dados e posicionamento crítico.

É mais fácil descrever as escolas, as relações, dizer como acontece, falar da merenda, do transporte, da precariedade, sem expressar juízo de valor, a descrição não convoca nossa presença necessariamente, até pela natureza do trabalho de descrição, e se convoca, fica difícil saber a hora de entrar e a hora

de sair, então o relatório descritivo, ao apresentar a realidade por meio de palavras, um texto rico em detalhes, como poderia se transformar em um relatório reflexivo.

A observação direta foi feita no dia 29 de abril de 2019, onde foi realizada uma caminhada por toda a escola, incluindo salas de aula, banheiros, diretoria, quadra, sala de leitura e vestiários. Foram anotados pontos considerados relevantes sobre a estrutura do prédio e sobre os métodos utilizados pelos educadores para o ensino e aprendizagem dos educandos. No período em que aconteceu a observação direta, tivemos ainda a oportunidade de assistir uma aula no turno da manhã, na turma do 7º Ano, que estava sobre o direcionamento da professora de Português e Inglês, Amanda Amaral. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em duas etapas, coletivamente com as auxiliares de serviço gerais e cozinheiras, por meio de uma roda de conversa sobre os temas proposto e individualmente através de entrevistas individuais com o corpo docente, técnicos e com a gestão da escola, por meio de um questionário previamente estabelecidos no Guia de Estudos do Segundo Tempo Comunidade. Os questionamentos das entrevistas foram divididos em quatro eixos fundamentais: 1) Infraestrutura da escola e recursos financeiros; 2) A relação da escola com a Secretaria de Educação, com os Movimentos Sociais e com as famílias da comunidade; 3) A situação profissional dos docentes; 4) O Currículo e o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. (VITORIANO, 2019).

Embora o objetivo principal dessa produção acadêmica descrita neste recorte, fosse conhecer e caracterizar a organização do trabalho pedagógico, o currículo escolar, as condições profissionais dos docentes, a relação entre a Escola e a SEMED, a escola e os Movimentos Sociais, a escola e a comunidade e refletir criticamente sobre os problemas, as demandas e as mudanças necessárias para aproximar a Escola Avelina Maria da Silva do conceito de Educação do Campo, as perguntas para avançar na direção dessa aproximação poderia ser? Quem são os sujeitos que promovem essa aproximação? Como essa aproximação com os princípios e conceito da educação do campo acontece na prática? Interrogar as metodologias de produção do conhecimento e questionar o próprio processo de formação no decorrer da pesquisa formação.

Essa pesquisa formação que ocorre durante cada Tempo Comunidade, podemos questionar em que medida essa formação em campo de pesquisa acontece? E então refletiremos e nos abriremos para dialogar com outras possibilidades de produção de conhecimento reconheça os participantes da pesquisa como sujeitos, assim saberemos quem são os sujeitos envolvidos na pesquisa e como rompemos com a ideia de separação entre sujeito e objeto de pesquisa para a construção de uma relação de horizontalidade de autoria, dos saberes, das vozes, das experiências, das memórias, das referências científicas. Nesse outro trecho a escrita do relatório é marcada também pelo caráter descritivo:

O prédio como um todo é construído de alvenaria, coberta com telhado de barro, rebocado e pintado nas cores verde amarelo e branco. O teto é forrado com forro de PVC branco. O piso, em parte possui lajotas assentas e em parte possui uma espécie de mármore pré-moldado, há também aos fundos um espaço onde não há construções. A escola possui muro, porém baixo. Na sala da secretaria, há duas mesas de escritório com computador, uma impressora, uma prateleira de ferro com alguns arquivos, uma mesa pequena onde ficam alguns doces para venda interna. O recurso da venda das guloseimas é usado para pequenos gastos na escola. Na sala da direção há duas mesas de escritório computadores, duas prateleiras de ferro, uma com livros e outra com arquivos, duas impressoras. As impressoras da sala da direção são para uso compartilhado, no período de observação, a impressora foi usada por professores e técnicos. A sala de professores, possui uma mesa grande de madeira, com 8 cadeiras, uma mesa de escritório com computador e um banheiro simples, com pia e sanitário. (VITORIANO, 2019)

Que reflexões críticas poderiam ser feitas diante dessa descrição minuciosa? Por que é importante esse detalhamento na escrita de um relatório? O que fazer com todas essas informações referentes a infraestrutura? A gestão municipal garante instalações confortáveis aos estudantes e aos professores? A escola participa do PPDE? A escola tem Conselho? Como se dá a oferta da merenda e do transporte escolar?

Quando olhamos para a nossa jornada de escolarização, fica evidente certas comparações entre os períodos. Se os Tempos Comunidade sinalizam e traduzem a partida e a chegada das pesquisas desenvolvidas pelos discentes de Educação do Campo, em que consiste a realidade concreta? O que importa constatar essa realidade e reunir um conjunto de dados que comprovam sua existência? Freire (1999) nos mostra sua concepção sobre realidade concreta.

A realidade concreta é algo mais do que fatos os dados tomados mais ou menos a si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim, a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade (FREIRE 1999, p. 35)

Diante dessa compreensão, buscamos encontrar no mesmo relatório passagens com algum nível de senso crítica da realidade.

A Escola Avelina maria da Silva, como dito anteriormente não possuem nem um trabalhador concursado. Todos os servidores são contratados pela prefeitura Municipal de Vitoria do Xingu, e, portanto, não são sindicalizados. Em sua maioria os profissionais são trabalhadores urbanos. O Ramal dos Cocos II fica a apenas 8km da cidade de Altamira e os profissionais da

educação que trabalham Avelina, vem e vão da cidade para o campo todos os dias, e ficam na escola no horário de almoço, pois a distância não permite fazer o trajeto tão rapidamente. Ter a maioria dos trabalhadores de uma escola do campo, vindo cotidianamente da cidade para ministrar aulas para alunos que tem uma realidade de vida diferente acaba sendo prejudicial, tanto para a comunidade, quanto para os alunos. Para a comunidade, pois esses empregos poderiam gerar renda dentro do Ramal e aos alunos, pois possuem vivências de vida diferente das de seus professores que podem acabar prejudicando o ensino aprendizagem dos alunos, por trazerem influências urbanas, tracionais e tecnicistas para o campo, o que pode acarretar o rural. (VITORIANO, 2019).

Neste trecho é possível identificar a presença do posicionamento da autora, quando afirma que o fato de terem um corpo docente vindo da cidade para trabalhar na escola do campo, é tido como um ponto prejudicial para a comunidade e para os alunos, além de questionar quais as possíveis consequências para a escola e seus sujeitos.

Em busca de pensar em uma produção de conhecimento que não reduza os sujeitos ou grupos populares a meros objetos de pesquisa, é que o caminho investigativo deste trabalho se dá pela pesquisa participativa. E ao pontuar alguma comparação entre a escrita de outrora e esse texto, vem à tona a questão do posicionamento diante da etapa de observação durante estágio supervisionado.

A metodologia usada tanto em sala de aula como as observações que fizemos nos outros espaços de ensino aprendizagem dentro do ambiente escolar nos remete ao quadro de síntese das tendências pedagógicas apresentadas por Queiroz e Moita (2007) pois a tendência pedagógica apropriada pela professora e pela gestão da escola é a metodologia liberal tecnicista. Observamos que a metodologia de ensino usada visa modelar os alunos através de técnicas pré-estabelecidas, onde a professora transmite a informação aos alunos da a turma do 7º Ano e os mesmos na posição de alunos não são detentores do conhecimento a ser passado em sala e devem fixar o conteúdo passado pela professora. Essa tendência infelizmente tem sido utilizada pela maioria das escolas no Brasil, o que é prejudicial aos estudantes, pois priva os alunos de um pensamento crítico ampliado por acreditarem que não são detentores de conhecimento sobre aquele determinado assunto ministrado na aula. Acreditamos que a tendência progressista libertadora defendida por Paulo Freire seja o método mais apropriado para uso nas escolas, principalmente as escolas do campo que visam a educação popular como fundamentos de ensino, trazendo a realidades dos estudantes, onde educador educando aprendem juntos. (VITORIANO, 2019)

Nesse trecho do relatório há uma sinalização para uma constatação dos tipos de tendências pedagógicas, há uma crítica a metodologia de ensino, a qual ignora os saberes, os

protagonismos das crianças e seus contextos. Há ainda uma constatação de um modo de educação pautado na transmissão de conhecimento e retira dos alunos a capacidade de desenvolvimento de senso crítico e um processo de formação que de fato, seja dialogado com os sujeitos, seus protagonismos em seus territórios.

Para ajustar os passos na direção de uma educação popular, há que ressignificar as orientações metodológicas e caminhos investigativos no processo de obtenção dos dados. Nesse sentido há que pensarmos em possibilidades que sustente a relação entre a vida, a pesquisa e formação, tendo presente os nos fala o professor pesquisador Hage (2023):

Os povos do campo, das águas e das florestas,
 Não são nossos objetos de estudo,
 São sujeitos de direitos humanos e sociais,
 Que historicamente, sempre lutaram pela proteção de seus territórios,
 Para transformá-los em Territórios de vida com dignidade
 E pelo reconhecimento de suas territorialidades,
 Os camponeses, ribeirinhos, quilombolas, extrativistas e indígenas,
 Não cuidam de sua sobrevivência, como costumam dizer por aí
 Eles produzem a sua e a nossa existência
 De forma coletiva, cooperada e pluriversa, respeitando os ciclos de vida da natureza
 Se o Campo não planta, a Cidade não janta
 Os povos originários, tradicionais e camponeses das Amazônias
 Não possuem saberes empíricos,
 Seus saberes são tradicionais, são ancestrais
 São construídos com epistemologias outras
 Que não são acadêmicas e científicas
 Mas que são válidas e legítimas
 Porque contribuem para sua interpretação e intervenção coletiva no mundo.
 Em defesa da Vida. Humana e não Humana.

Nessa perspectiva, a investigação narrativa acolhe a relação horizontal e inseparável entre os sujeitos, a vida e formação. “O uso das narrativas como método de investigação ou de pesquisa decorre, em parte, da insatisfação com as produções no campo da educação que se caracterizaram por falar sobre a escola em vez de falar com ela e a partir dela” (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p.18).

A pesquisa narrativa segundo Clandinin e Connely (2015) consiste no exercício de conhecimento da experiência por meio do pensamento narrativo – na medida em que narram as pessoas compreendem as próprias experiências. Assim os autores desenvolvem a afirmação:

Educação e estudos em Educação são formas de experiência. Para nós, narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que

estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 48)

Quando os professores pesquisadores são autores e coautores de narrativas de suas próprias pesquisas e investigam questões das escolas em que trabalham, os resultados produzidos ganham outro significado pois o pesquisador não deixa de se envolver com a realidade pesquisada. Historicamente fomos formados a partir de um currículo prescrito que pouco considera nossos modos de vidas e nossos contextos, nossos saberes e cultura. Manter distância, objetividade e neutralidade tem produzido conhecimentos que não nos reconhecemos, com nossos fazeres e experiências.

Portanto, defendemos a narrativa como caminho investigativo pela possibilidade de recuperar os saberes das experiências que pratiquem a escuta, o diálogo e junto com os sujeitos e /ou colaboradores das pesquisas, assim, é possível construir uma relação de coautoria, de horizontalidade na produção do conhecimento.

El estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo. A educación es la construcción y la re-construcción de historias personales y sociales tanto los profesores como los alumnos son contadores de historias y también personajes en las historias de los demás y en las suyas propias. (CONNELLY & CLANDININ, 1995, p. 11,12).

Lima, Geraldi e Geraldi (2015), afirmam que:

Há questões a serem sempre enfrentadas a este respeito: como caracterizar esses dois modos de pensar? Como pôr em relação saberes da experiência e saberes científicos? Cabe lembrar aqui a necessidade de compreender e superar a cisão entre o mundo da cultura (ciência) e o mundo da vida. A ciência, nos marcos da modernidade, se estabeleceu como uma descrição única e autorizada do mundo, como versão oficial que supõe orientar todos os modos de pensar e de se relacionar com a natureza (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p.20)

Nesse sentido assumimos o memorial de formação pois concordamos com Bragança (2023) que os memoriais transbordam e dão a ver/sentir modos outros de escrita acadêmica. Pelo modo narrativo organizamos nossas experiências e no campo da educação nos ocupamos de experiências planejadas que podem ser relatadas e analisadas. Esse modo de pesquisa passa

a existir porque vivenciamos experiências significativas ao longo da nossa vida de sujeitos pesquisadores e tomamos essas experiências como objeto de compreensão.

Podem ser chamadas de narrativas de experiências educativas. A especificidade delas reside no fato de que o sujeito da experiência a narra para, debruçando-se sobre o próprio vivido e narrado, extrair lições que valham como conhecimentos produzidos a posteriori, resultados teóricos realizados após a experiência narrada (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p.27).

Seja a partir das experiências de formação no ensino fundamental, seja como discente de curso de graduação ou professoras e professores da educação básica ou nível de magistério superior, podemos recuperar nosso processo de formação. Neste trabalho de pesquisa, partilhamos o memorial de formação da discente do curso de Educação do Campo, a partir de narrativas de suas experiências de formação ao longo de sua jornada educacional, pois esse movimento de escrita de si, segundo Bragança, Prado e Araújo (2021, p. 01):

Tematiza a pesquisa-formação como modo de viver, pesquisar, narrar formar, que emerge na interface entre as pesquisas narrativas autobiográficas em educação as pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares e as concepções - ações da formação humana. Defende a indissociabilidade entre produção do conhecimento científico e os movimentos de transformação que atravessa os envolvidos na pesquisa.

Durante toda jornada acadêmica buscamos, na atividade de produção do conhecimento por uma formação ao mesmo tempo em métodos de pesquisa e lançamos mão nesse trabalho dessa indissociabilidade que atravessa nossa vida, a formação e o que pesquisamos.

Somos levados a “expressão de experiências no contexto de dispositivos, protocolos e entrevistas, cujo objetivo é abrir um espaço à expressão, interlocução e elaboração da experiência vivida a partir da narração”. (BRETON, 2023, p. 11). Segundo esse autor, a investigação narrativa se direciona para uma abordagem construída teórica e metodologicamente a partir de um dado específico – a experiência vivida – por meio da expressão em primeira pessoa.

Essa postura de acolhida incondicional da experiência carrega consigo o potencial de apreender e examinar os fenômenos vividos ao longo da duração de uma trajetória de vida, mas também na profundidade dos micromomentos inscritos nessa trajetória, assumindo o desafio de apreender a experiência

vivida de forma longitudinal, com base nos fatos vividos e efeitos sentidos, nos eventos e suas repercussões na escala biográfica. (BRETON, 2023, p.11)

O desafio é historicizar as experiências vividas além de nós, situar nossas histórias num contexto mais amplo, para isso acreditamos que o memorial de nos convidar a narrar, pode mobilizar umas outras fontes narrativas e inaugurar outras formas de problematizar o sentido, como a oralidade, o desenho, a imagem, e assim pensar em outras relações de conhecimento.

3. DAS LIÇÕES APREENDIDAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este memorial de formação representa uma peça de suma importância não apenas na minha jornada acadêmica, mas também para o campo mais amplo da Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Códigos. Ele oferece uma oportunidade única de refletir sobre minhas próprias experiências, desafios e conquistas ao longo do curso, além de destacar a importância de dar voz às vivências individuais como meio de enriquecer o entendimento sobre essa área de estudo.

Ao compartilhar minhas experiências e reflexões de forma narrativa, este memorial não apenas documenta minha trajetória, mas também oferece insights valiosos para colegas, professores e pesquisadores interessados na Educação do Campo. Ele destaca a necessidade de uma abordagem pedagógica contextualizada, que reconheça e valorize as particularidades das comunidades camponesas e tradicionais.

Além disso, ao abordar questões como a importância da reflexão crítica nos relatórios de pesquisa e a atualização dos projetos político-pedagógicos, este memorial contribui para o debate sobre as práticas educacionais e os desafios enfrentados pelos cursos de graduação nessa área. Em suma, não se trata apenas de uma reflexão pessoal, mas também uma ferramenta para promover o diálogo acadêmico, incentivar o aprimoramento das práticas educacionais e inspirar futuras pesquisas e iniciativas no campo da Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Códigos.

Durante a elaboração deste memorial, pude reconhecer a influência significativa que o curso de Educação do Campo teve em minha formação pessoal, política e profissional. Através das experiências vivenciadas e das reflexões realizadas, percebi como a abordagem contextualizada da Educação do Campo contribuiu para minha compreensão mais ampla do

papel do educador e para meu engajamento com questões sociais e culturais em ambientes diversos.

Ao registrar minhas experiências de formação, fui capaz de valorizar não apenas os conhecimentos teóricos adquiridos, mas também as aprendizagens práticas e as interações com o campo. Isso me permitiu reconhecer a importância da integralidade na educação, que considera tanto os saberes acadêmicos quanto os saberes populares e locais.

Através da reflexão sobre as contribuições da Educação do Campo, pude compreender melhor o papel transformador dessa abordagem pedagógica na formação de sujeitos críticos e participativos. Reconheci o impacto positivo não apenas em minha própria formação, mas também na promoção de mudanças sociais e no fortalecimento dos povos do campo.

Uma outra lição que tive com esse trabalho foi o fato de me conceber/descobrir como sujeito da minha própria voz e poder partilhar minhas experiências numa relação de autoria e coautoria com os sujeitos colaboradores de todas as pesquisas de tempo comunidade que pude realizar ao longo do processo de formação. O fato de narrar minha história com a escrita em primeira pessoa me faz pensar em quantas vezes durante a formação básica no ensino fundamental fui silenciada e tive que aceitar a imposição de um currículo prescritivo que não tinha conexão com a minha realidade.

Portanto, essa formação em educação do campo é uma formação revolucionária de fazer educação, que nos convida a um processo de autoria de produção do conhecimento a partir dos nossos saberes, de nossas experiências, das nossas histórias de vida na relação com todas as pessoas que fazem parte desta caminhada, seja na escola, seja na universidade, assim como a relação com os movimentos sociais em que essa formação em educação do campo trata como imprescindível.

A educação do campo, como um processo histórico, vincula-se diretamente às lutas dos trabalhadores do campo organizados na forma de movimento social. No caso, organizados a partir do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST - que nos processos de luta pela terra e de vida digna nos assentamentos reivindicaram o direito à educação, integrando as Lutas pela terra e pela educação nas áreas de assentamento que tiveram seu marco documental no Primeiro Encontro Nacional das Educadoras e Educadores na Reforma Agrária - I ENERA (1997). Conforme aponta Caldart (2012), quando escreve que a educação do campo é um fenômeno da realidade atual brasileira, que está diretamente vinculado à realidade que o produziu, na busca da transformação da realidade educacional específica das áreas de Reforma

Agrária. Transformação da realidade educacional que se contrapõe a educação, até então, existente no campo brasileiro: a educação rural.

Desta forma, o curso de Educação do Campo, torna-se imprescindível como política de inclusão de povos e comunidades tradicionais no ensino superior e estratégico para qualificar a oferta da educação básica na região. Mesmo o curso de Educação do Campo tendo o seu início em 2014 na Transamazônica, a origem da luta e das experiências formativas nesta área via UFPA iniciaram em 1997 com a experiência do PRONERA.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez, 2019. p. 131-133
- BERNARDES, Maria Irene Miranda. **Memorial Acadêmico: Trajetórias, histórias e aprendizagens**. Memorial Descritivo (Faculdade de Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2021.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de S. **Memoriais em contextos de formação e pesquisa: abordagens narrativas e (auto)biográficas**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 29, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc29202347919>. Acesso em: 14 mar. 2024
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de S.; PRADO, Guilherme do Val T.; ARAÚJO, Mairce da Silva. **Sobre pesquisa-formação, itinerários e diálogos**. Educação Unisinos, 2021.. Disponível em: <https://www.unisinos.br/edunisinos>. Acesso em: 14 mar. 2024
- BRETON, Hervé. **Investigação narrativa em ciências humanas e sociais**; Tradução Camila Aloisio Alves; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2023. 265p.
- CALDART, Roseli Salette. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. In M. C. Molina (Org.). **Educação do campo e pesquisa II: questões para reflexão**. Brasília, DF: MDA/M, 2010. p. 103-126.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. rev. **Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores**. ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995, p.11-59.
- FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. **Contribuições para a construção de um projeto de educação do Campo** – Brasília, DF: 18 Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2004.
- FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- HAGE, Salomão Antônio M. **Poema**. 2023
- HERRERA FLORES, Joaquim. **A reinvenção dos direitos humanos**. Ed. Atrapasueños, 2008.
- LIMA, Maria Emília C. de Castro. GERALDI, Corinta Maria G. GERALDI, João Vanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista** – Belo Horizonte. v.31. n.01. p.17-44, janeiro-março 2015.

MÃES do Xingu. George Paez, D'Roots e Vitoriano Bill. Álbum Lá do Alto. Altamira, PA: XOC Estúdio, 2021. Faixa 8. CD.

MOLINA, Mônica C; SÁ Laís Mourão. Verbete da Escola do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012.

MOLINA, Mônica Castagna. Análises de práticas contra-hegemônicas na formação de educadores: reflexões a partir do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. In: SOUZA, José Vieira (Org.). **O método dialético na pesquisa em educação.** Campinas: Autores Associados, 2014.

VITORIANO, Aline Luzia Barbosa Pereira. **Relatório do II Tempo Comunidade.** Altamira, Pará, 2019.